

E ditar, produzir e fazer circular livros que possam colaborar com a melhoria do ensino no Brasil, estabelecer uma ponte entre a produção do conhecimento e a sociedade. Promover a circulação do saber, enfim. Esta tem sido, desde o início, a preocupação da Editora Contexto.

Boa leitura!

Siga-nos:



www.editoracontexto.com.br



Sumário

APRESENTAÇÃO

Preconceito na escola? Que bobagem..., <i>Jaime Pinsky</i>	7
--	---

MULHERES

Lugar de mulher é na cozinha?, <i>Luiza Nagib Eluf</i>	13
---	----

RACIAL

Serviço de negro, <i>Jaime Pinsky</i>	21
--	----

HOMOSSEXUAIS

Ser ou não ser não é a questão, <i>Jean-Claude Bernardet</i>	29
--	----

IDOSOS

“Quem gosta de velho é reumatismo!”, <i>Luiz Eugênio Garcez Leme</i>	39
--	----

JOVENS

Entre a mamadeira e a camisinha, <i>Gustavo Ioschpe</i>	49
---	----

LINGUÍSTICO

Preconceito linguístico? Tô fora!, <i>Marcos Bagno</i>	59
---	----

GORDOS

Baleia é a mãe!, <i>Domingos Fraga</i>	69
---	----

BAIXINHOS

Tamanho é documento?, *Claudio Camargo* 77

ANTISSEMITISMO

A raiz da intolerância, *Henry I. Sobel* 87

DEFICIENTES

Casa de bonecas, *Marcelo Starobinas* 95

MIGRANTES

Cidadãos de segunda classe, *Renato Simões* 103

SOCIAL

Feios, sujos e malvados, *Aldaíza Sposati* 113

Os autores 121

Preconceito na escola? Que bobagem...

Várias facetas do preconceito se manifestam na escola com mais frequência do que gostaríamos de admitir. Além disso, a escola é um lugar privilegiado para discutir a questão do preconceito e até para iniciar um trabalho com vistas a atenuar sua força. Com o objetivo de fornecer material para alunos e professores discutirem o assunto em sala de aula (e até fora dela) é que concebemos este pequeno livro.

O fato de a discussão sobre o preconceito ser recomendada pelo próprio Ministério da Educação já representa um importante avanço. No passado gostávamos de dizer que no Brasil não existia o preconceito, éramos uma “ilha de tolerância num mundo intolerante”, e que o brasileiro era cordial por natureza. Hoje não temos mais esta ilusão e começamos a perceber que o monstro da intolerância pode mudar de cara (ele tem mais de 12 faces), e pode estar ainda mais perto do que imaginávamos.

O preconceito e a própria discriminação (discriminação é o preconceito em ação) ganham terreno quando falamos da suposta inferioridade da mulher com relação ao homem, do velho com relação ao jovem, do índio com relação ao branco. Se a mulher tem menos força do que o homem, possui por outro lado mais resistência e vive mais. Além disso, do ponto de vista intelectual não há nenhuma diferença provada entre eles. Se o jovem tem a pele mais lisa e mais vigor, perde em experiência e em tolerância e mesmo o mito da criatividade exclusivamente juvenil pode ser questionado por homens que fizeram suas descobertas ou criaram suas obras já na velhice, como Goethe, Leonardo da Vinci e mesmo Albert Sabin.

Discriminamos os portadores de deficiências ao não cuidarmos de nossas calçadas (impedindo assim a passagem de deficientes visuais) e por não termos transportes coletivos adequados a deficientes físicos. De resto, cultivamos no Brasil uma história de preconceito social contra os pobres. As cidades são feitas para os automóveis e os pedestres continuam sendo desrespeitados, apesar das leis a seu favor que “não pegaram”.

Antes de afirmar que uma categoria social é assim, devemos ponderar se é realmente assim. Se uma característica, um comportamento qualquer, aparece com certa frequência em pessoas pertencentes a determinada raça, sexo, origem ou categoria social devemos ter o cuidado de não generalizar esse comportamento para o grupo como um todo e, sobretudo, indagar se essa característica realmente ocorre e, nesse caso, por que ocorre. Quando, por exemplo, vemos na televisão a presença de negros delinquentes temos a tendência, às vezes inconsciente, de transpor aquela condição para o segmento negro como um todo. Devemos estar atentos a essa maneira de proceder uma vez que, se há negros delinquentes, há também brancos delinquentes e, o mais importante, a delinquência não é uma característica dos negros. Por outro lado, imagens televisivas como as acima descritas, ou “verdades” preconcebidas deveriam nos fazer meditar sobre o assunto, em vez de nos fazer aceitar bobagens como verdades definitivas.

Tem gente que leva o preconceito na brincadeira, achando que piadinhas e gozações sobre as minorias não têm maior significado. Errado. Certo tipo de conversa de corredor falando da inferioridade dos negros e das mulheres, dos nordestinos e dos judeus, dos velhos, dos gordos, dos baixinhos e até dos jovens tem que ser levada em consideração e, muitas vezes, combatida com veemência, por ser falsa, sem base histórica ou biológica alguma. Acaba funcionando para marginalizar da prática da cidadania todos os que se enquadram em categorias definidas pelo preconceituoso como merecedoras do repúdio coletivo. Será que é assim que se forma uma nação verdadeiramente democrática?

A concepção inicial deste livro, cuja organização e formato final é de minha responsabilidade, decorreu de uma troca virtual de ideias entre o escritor Marcos Bagno e a historiadora Carla Bassanezi Pinsky. De qualquer forma, como em qualquer obra coletiva, cada autor responde pelos conceitos, virtudes e eventuais falhas de seu texto.

Esperamos que, dentro da realidade de cada sala de aula, estes textos possam servir como elementos catalisadores de discussões produtivas e de um avanço da cidadania nas relações entre os brasileiros.

Jaime Pinsky

Lugar de mulher é na cozinha?

Luiza Nagib Eluf

- Mulheres e homens são iguais?
- Depende. Fisicamente, não. Intelectualmente, sim.
- Por que se fala tanto em igualdade entre os sexos?

O que significa essa reivindicação tão presente nos dias de hoje?

– É claro que ninguém propõe que mulheres e homens façam exatamente as mesmas coisas, vistam-se da mesma maneira, andem, falem, cantem do mesmo jeito. Nenhum ser humano pode ser igual ao outro, ainda mais quando se trata de sexos diferentes. A igualdade de que tanto se fala diz respeito aos direitos de cada um. Durante muito tempo, as diferenças biológicas foram usadas para inferiorizar a mulher. O fato das mulheres terem o corpo diferente dos homens foi interpretado como sinal de fraqueza física e de incompetência intelectual. Criou-se, então, um sistema em que metade da população humana, a parcela feminina, foi considerada incapaz de cuidar de seu próprio corpo, de seus desejos, de seus negócios, enfim, de sua vida. As mulheres foram subjugadas e o poder masculino passou a ser exercido com toda a intensidade. As diferenças biológicas foram usadas para prejudicar as mulheres. Por isso, quando se fala em “igualdade”, queremos dizer igualdade de direitos e oportunidades.

- Quais direitos?

– Todos. As mulheres sofreram muitas injustiças. Foram proibidas de sair de casa desacompanhadas, foram obrigadas a casar com quem não queriam, quase não podiam frequentar a escola, eram obrigadas a se vestir da maneira que seu pai ou marido ordenasse, não tinham direito a ter uma profissão fora do lar, ficando confinadas ao espaço doméstico, não tinham direito de

administrar seus bens e não possuíam patrimônio próprio. As mulheres se transformaram em seres muito pobres, pois mesmo quando tinham dinheiro (por exemplo, recebido de herança) não podiam decidir sozinhas o que fazer com ele. Era sempre um homem que fazia tudo em nome delas, nem sempre da forma mais adequada. Em resumo, a situação era comparável à escravidão. Até 1934, no Brasil, as mulheres não tinham direito a votar nem a serem votadas. As casadas não podiam fazer quase nada, nem sequer viajar, sem autorização do marido.

— Nossa, um horror! Como foi que isso mudou?

— Foi com a luta das mulheres que não se conformaram com essa situação. Aos poucos, uma nova consciência nasceu. Com o avanço da ciência e da tecnologia, ficou evidente que, se os homens têm mais força física que as mulheres, a inteligência de ambos é a mesma. As mulheres podem fazer, e bem, tudo o que os homens fazem, com exceção de certas tarefas que exigem muito esforço muscular. Por exemplo, carregar sacos de areia nas costas. Como a nova tecnologia dispensa cada vez mais o esforço físico e exige cada vez mais a competência intelectual, as mulheres provaram suas aptidões e “estouraram nas paradas de sucesso”. Hoje, elas competem no mercado de trabalho de forma decisiva.

— E foi só isso que ajudou a luta das mulheres?

— Não. Houve importantes avanços da ciência e da medicina que mudaram radicalmente as condições das populações femininas ao redor do mundo.

— Quais, por exemplo?

— A grande revolução do nosso século, para as mulheres, foi a descoberta das pílulas anticoncepcionais. Você sabe que, antigamente, os casais tinham muitos filhos? Oito, nove, dez, até quinze? Tente se lembrar quantos filhos teve sua avó. Pergunte sobre sua bisavó. Você vai descobrir que, na maioria dos casos, há duas gerações passadas, quase ninguém tinha menos de meia dúzia de filhos. As crianças absorvem demais a mãe. Com muitos filhos para criar, é compreensível que as mulheres não tivessem tempo para mais nada. Trabalhar fora de casa e ganhar seu próprio sustento também era mais difícil porque,

além do grande número de filhos, não havia creches nem outros instrumentos sociais para ajudar as mães. Todo mundo dizia que os filhos eram um problema só da mãe. Hoje, sabemos que isso não é verdade. As crianças são uma responsabilidade da mãe, do pai, da família, da sociedade e do Estado. Cada um precisa cumprir seu papel na formação, educação e sustento dos mais jovens. E as mães precisam ter algum tempo livre para cuidar das suas próprias vidas, seu trabalho, seus interesses, seu lazer.

— E a sexualidade, também mudou?

— É claro que sim. Com as pílulas anticoncepcionais as mulheres ficaram mais livres para fazer sexo sem medo de engravidar. A sexualidade sadia e responsável é um direito de todos nós. Houve um tempo em que somente os homens tinham liberdade sexual. Felizmente, agora, as mulheres também têm os mesmos direitos. Isso quer dizer que as exigências de virgindade acabaram e que é preciso orientar todo mundo sobre a sexualidade na adolescência. Veja bem: toda a liberdade vem acompanhada de responsabilidade.

— No Brasil também é assim? As mulheres conseguiram se libertar da opressão que havia antes?

— Sim. Ainda temos algumas lutas pela frente, mas os avanços foram muitos. Houve uma conquista muito importante para todos nós: a Constituição Federal de 1988. Ela garante que homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações em nosso país. As discriminações estão proibidas. Por lei, as mulheres têm o direito de fazer tudo o que os homens fazem, desde que seja lícito, é lógico.

— Tudo o quê?

Ter a profissão que quiserem, praticar todos os esportes, assumir todo e qualquer cargo ou responsabilidade, ter os namorados que quiserem. Não existe mais “profissão de homem” e “profissão de mulher”. Qualquer um pode trabalhar onde quiser, entende? Uma mulher pode ser piloto de avião, engenheira civil, motorista de ônibus, astronauta, policial, advogada, juíza, médica, empresária. E os homens podem ser “donos de casa”. Bem, podem não, devem. As tarefas em casa precisam ser divididas igualmente entre marido e mulher. Ambos devem cuidar

dos filhos, lavar louça, passar roupa, cozinhar, limpar etc. As mulheres não precisam ter dupla jornada, isto é, trabalhar fora de casa e depois fazer todo o serviço doméstico, sem ajuda.

— É, mas se por um lado as mulheres estão contentes em ter um trabalho remunerado, os homens estão reclamando de cuidar da casa. Como resolver isso?

— Nem todos os homens desprezam o serviço doméstico. Muitos gostam de dar mamadeira ao filho, de cozinhar, de ver a louça bem limpa. Eles não têm de fazer tudo sozinhos, basta dividir as tarefas. Sabendo dividir, ninguém fica sobrecarregado. Além do que, já existe máquina para quase tudo. Sem dúvida, pessoas educadas nos moldes antigos vão resistir muito à ideia de repartir as tarefas domésticas, mas se isso não for feito, as mulheres não vão chegar à verdadeira emancipação. Uma escrava do lar não tem as mesmas condições de um “machão” no mercado de trabalho, por mais que ela se desdobre. Vivemos em constante competição. É como no esporte. Para ganhar é preciso estar em boas condições físicas e psicológicas. A mulher esgotada pelo interminável serviço doméstico estará sempre em desvantagem.

— Ainda há muitas mulheres se matando de trabalhar sem o reconhecimento que merecem, não é?

— Sem dúvida, mas é preciso mudar isso rápido. As mulheres devem lutar contra o preconceito que faz com que elas sejam responsáveis por tudo o que há para fazer em casa. As mudanças dependem das mulheres não aceitarem mais essa condição.

— É muito importante que as mulheres trabalhem fora de casa? E aquelas que não querem?

— É um risco muito grande não ter um trabalho remunerado. Quem não pode prover o próprio sustento dependerá de outra pessoa a vida inteira. Você acharia bom viver de “mesada” do marido, sem nunca conseguir ter seu dinheiro e fazer o que quiser com ele? Quantas vezes já vimos nossos pais discutindo por causa de dinheiro? A mulher que não trabalha fora fica sempre devendo alguma coisa e ainda tem que ouvir aquela frase “Você está gastando muito!”. E não adianta chorar.

— Acho que os ricos não têm esse problema...

— Os ricos são uma minoria. Mesmo assim, há muitas mulheres que foram casadas com “ricos”, se separaram e ficaram sem nada. Foram mendigar pensão alimentícia na Justiça e o ex-marido negou. Uma dificuldade. Além disso, não podemos esquecer que a pessoa pode ficar viúva e perder o sustento pela morte do marido. Resumindo: depender de alguém não é uma situação cômoda em nenhuma circunstância, ainda mais quando há filhos para criar. Mas não é só por isso que as mulheres precisam abraçar uma profissão e progredir na vida.

— Ah não?! Quais as outras razões para o trabalho da mulher?

— Durante o longo período histórico em que as mulheres ficaram confinadas ao lar, suas vozes nunca foram ouvidas, seus problemas específicos não foram solucionados, suas reivindicações não foram atendidas, seus direitos não foram respeitados. Como elas estavam em casa, o poder era exclusivo dos homens, elas não tinham influência alguma nas decisões. As consequências disso foram péssimas para as mulheres: perderam a cidadania, o respeito, a dignidade. Houve até um filósofo antigo, chamado Aristóteles, que disse: “A mulher é por natureza inferior ao homem; deve, pois, obedecer... O escravo não tem vontade; a criança tem, mas incompleta; a mulher tem, mas impotente.”. Percebe a situação? É isso o que acontece com quem não luta por seus direitos: perde-os. As mulheres já foram muito humilhadas porque se resignaram à esfera doméstica. Agora chega. É preciso aprender com os erros passados e não repeti-los. As injustiças aconteceram porque não havia mulheres na política, na magistratura, na economia para dizer “exigimos respeito!”. Há pouco tempo, não havia deputadas, senadoras, governadoras, juízas, empresárias, médicas. Ou eram donas de casa, ou empregadas domésticas ou operárias muitíssimo exploradas. Ah, sim, ou prostitutas. Não havia mulheres mandando, com raras exceções. Por isso, prevaleceu a opressão. Entendeu por que as mulheres não podem mais ficar só em casa, mesmo as que gostariam disso? É preciso ter efetiva participação na vida da nação, caso contrário, perdemos tudo, até a dignidade.

— Sim, é verdade. Mas você falou que a luta das mulheres ainda não acabou. Ainda existem injustiças?

— Infelizmente, algumas coisas ainda estão fora do lugar. As mulheres sofrem discriminações, até hoje, por serem mulheres. Você nunca ouviu alguém dizer que “isso não é coisa para mulher?” Bem, essa frase é preconceituosa. É muito importante que não aceitemos as limitações que, por vezes, querem nos impor porque somos mulheres. E lembrar sempre que, no Brasil, temos a Constituição Federal a nosso favor. Se você for discriminada, preterida, inferiorizada, desprezada ou agredida por ser mulher, reclame. Se a situação persistir, vá a uma Delegacia de Polícia da Mulher e peça para abrir um inquérito policial. Se, mesmo assim, seu problema não for resolvido, vá à Justiça e exija o cumprimento da lei. Fazendo assim, você estará ajudando a si própria e a todas as mulheres. Os seus direitos só serão respeitados se você lutar por eles.